

Interativos Travessias

ESTUDOS LITERÁRIOS

O AFETO ERÓTICO COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA NA POESIA DE ALEX POLARI

EROTIC AFFECT AS A STRATEGY OF RESISTANCE IN ALEX POLARI'S POETRY

Suzeli Santos SANTANA¹

Cristiano Augusto da SILVA²

RESUMO: Este artigo objetiva analisar os poemas “Amar em aparelhos” e “Escusas poéticas – II”, ambos da obra *Inventário de cicatrizes* (1978), de Alex Polari, na perspectiva da literatura de testemunho e resistência à ditadura civil-militar brasileira (1964-1985). Busca-se, de modo específico, investigar como o erotismo se apresenta como estratégia de resistência, pois o resgate de lembranças de prazer, amor e desejo, taticamente, é usado como um modo de suportar a dor, resistir ao aparelho repressivo que tenta, através da barbárie, usurpar tudo aquilo que faz parte da esfera do humano, como as emoções, sensações e sentimentos. A pesquisa, eminentemente bibliográfica, se fundamentará nas teorias e estudos críticos de Adorno (2003), Bosi (1977; 1996), Ginzburg (2013), Moraña (1995), entre outros. Por fim, espera-se que esse trabalho possa contribuir para os estudos de literatura de testemunho, em especial a brasileira, com destaque para a poesia de resistência, expandindo seu alcance de divulgação e debate.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de testemunho. Poesia de resistência. Ditadura civil-militar brasileira. Alex Polari.

ABSTRACT: This article aims to analyze the poems “Amar em aparelhos” and “Escusas poéticas – II”, both from the work *Inventário de cicatrizes* (1978), by Alex Polari, from the perspective of the literature of testimony and resistance to the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985). It seeks, in a specific way, to investigate how eroticism presents itself as a resistance strategy, since the rescue of memories of pleasure, love and desire, tactically, is used as a way of enduring pain, resisting the repressive apparatus that tries, through barbarism, to usurp everything that is part of the human sphere, such as emotions, sensations and feelings. The research, eminently bibliographic, will be based on the theories and critical studies of Adorno (2003), Bosi (1977; 1996), Ginzburg (2013), Moraña (1995), among others. Finally, it is expected that this work can contribute to the studies of testimonial literature, especially the Brazilian one, with emphasis on resistance poetry, expanding its reach of dissemination and debate.

KEYWORDS: Witness literature. Resistance poetry. Brazilian civil-military dictatorship. Alex Polari.

1. Mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA/Brasil). E-mail: su.ze.liss@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2606-729X>.

2. Professor Doutor da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC-BA/Brasil). E-mail: crisaug2005@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5905-1660>.

Introdução

Este artigo propõe a análise de dois poemas de resistência, de Alex Polari: “Amar em aparelhos” e “Escusas poéticas – II”, de *Inventário de cicatrizes* (1978). Alex Polari foi militante da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) nos anos 1960 e preso político entre maio de 1971 e novembro de 1979, por participar ativamente na luta armada contra o regime militar brasileiro de 1964. Em 1978, Polari tem seu primeiro livro publicado, *Inventário de cicatrizes*, pelo Teatro Ruth Escobar e pelo Comitê Brasileiro pela Anistia, organização detentora dos direitos autorais da obra. O autor encontrava-se preso durante o lançamento. Em 1980, pela editora Global, é lançado *Camarim de prisioneiro*, com Alex Polari em liberdade. Segundo nota na contracapa do livro: “o lançamento do *Camarim de prisioneiro* com o autor já livre foi em praça pública, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro: ‘depois da prisão... a festa’” (POLARI, 1980, contracapa).

Inventário de cicatrizes (1978) é composto por quarenta e oito poemas que, dentre outros, têm a tortura e as memórias traumáticas como eixos temáticos, constituindo, de fato, um “catálogo” das experiências no cárcere, que atua também como forma de assegurar a memória das vítimas da ditadura. Com a constante presença de dedicatórias aos companheiros mortos, Polari testemunha, não somente sua experiência, mas também daqueles que tiveram suas vozes interdidas. Ademais, em *Inventário de cicatrizes* (1978), nota-se a recorrência da tematização de afetos, o que parece, a princípio, estranho em uma obra que testemunha a dor e o trauma infligidos pelo aparelho repressivo do Estado de Exceção brasileiro. Contudo, infere-se que esta presença constante de imagens afetivas constitui uma maneira de suportar a dor, de lidar com o trauma; em outras palavras, uma estratégia discursiva de resistência à política de controle e violência aos corpos subversivos.

Em “Nas rodas do tempo”, ensaio presente no livro *O corpo torturado*, Ivete Keil (2004) destaca que “o controle da sociedade não se efetua somente através da consciência ou da ideologia, mas também através do corpo e com o corpo. A tortura, portanto, produz a tensão entre o dentro e o fora, a cultura interiorizada e a cultura imposta pelo poder do torturador” (KEIL, 2004, p. 60). Assim, à medida em que o Estado vê o corpo como objeto de dominação, Polari resiste apresentando-o de outra forma, expressando livremente os seus desejos, sensações e emoções, isto é, o corpo como fonte de prazer. Entretanto, vale ressaltar que a leitura que se propõe da poesia de Polari na perspectiva do afeto como resistência não pretende romantizar a experiência de dor e trauma do poeta, pois entende-se que sua escrita

é atravessada por forças antagônicas: de um lado, o corpo/sujeito afetado pelas forças autoritárias; por outro, os afetos positivos que tentam resistir às relações de poder.

No contexto ditatorial em que as obras de Polari emergem, a poética do autor será aqui considerada tanto como um testemunho quanto uma forma de resistência à violência e autoritarismo do Estado de Exceção. Por literatura de testemunho, adota-se a definição de Mabel Moraña (1995):

[...] a literatura testemunhal é em geral literatura de resistência, já que expõe uma problemática social específica, em muitos casos vinculada às lutas pela libertação nacional ou à ampla questão da marginalidade, que adquire, principalmente a partir dos anos oitenta, grande notoriedade nas letras latino-americanas. (MORAÑA, 1995, p. 488, tradução nossa).³

Apesar de entender a poesia de testemunho como poesia de resistência, opta-se por não igualar as duas vertentes devido à necessidade de elucidar que nem toda literatura de resistência é testemunhal, sendo a primeira um campo mais amplo que abrange produções de diferentes movimentos, como aponta Cristiano Augusto da Silva Jutgla (2015) em *Poesia de resistência à ditadura civil-militar (1964-1985)*:

A poesia de resistência é um fenômeno presente, por modos e graus diversos, em todas as principais tendências, movimentos, linhas, grupos, gerações; ela adentra e demarca território também na obra de concretos, neoconcretos, marginais, práxis, anônimos, militantes, presos políticos, exilados etc.

No entanto, essa presença tem diferenças e nuances que dizem respeito aos modos de produção, às motivações, percalços e riscos de sua circulação, tanto para os autores quanto para os leitores (JUTGLA, 2015, p. 24-25).

Como já foi constatado por diversos críticos literários – a exemplo de Jutgla (2015) e Salgueiro (2013; 2017b) –, há uma lacuna da poesia de testemunho e resistência como objeto de análise nos estudos acadêmicos, se comparado às narrativas testemunhais. Apesar do número expressivo de trabalhos científicos sobre a obra de Alex Polari, observa-se que ainda existem poucas dissertações e teses; em contrapartida, há um número maior de artigos e ensaios que, devido à limitada extensão dos gêneros, não aprofundam as análises, nem dão

3. “[...] la literatura testimonial es en general literatura de resistencia , ya que expone una problemática social específica, en muchos casos vinculada a luchas por la liberación nacional o al amplio tema de la marginalidad, que adquire, principalmente a partir de los años ochenta, gran notoriedad en las letras latinoamericanas” (MORAÑA, 1995, p. 488, texto original).

conta do vasto material do referido escritor. Contudo, é importante elucidar a relevância destas pesquisas que têm dado maior visibilidade tanto à poesia de resistência à ditadura civil-militar brasileira, de modo geral, quanto à produção poética de Polari.

Através de um levantamento das dissertações e teses sobre a produção literária de Alex Polari, foi encontrada apenas uma tese de doutorado em Linguística, cujo objeto de análise é *Inventário de cicatrizes*, de Polari (1978), sob o título *Literatura cinza: uma (sub)versão do luto em Inventário de cicatrizes*, de Thales de Medeiros Ribeiro (2020b). Entretanto, localizou-se também a pesquisa de Beatriz de Moraes Vieira (2007), a qual discutiu a poesia de Polari em um capítulo de sua tese em História Social, intitulada *A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 70*.

A poética do luto é o aspecto central da discussão empreendida por Ribeiro (2020b) em sua tese. Tomando a obra *Inventário de cicatrizes* como seu principal objeto de análise (embora faça menção a poemas de *Camarim de prisioneiro*), o autor utiliza a expressão “Literatura cinza” para se referir à escrita do cárcere, bem como propõe a noção de “lutoratura” como a escrita de perdas irreparáveis e lutos intermináveis, adjetivando, dessa forma, a escrita polariana.

Por outro lado, Vieira (2007), utiliza a poesia escrita durante a ditadura militar brasileira como fonte principal de sua pesquisa, mais especificamente a poesia dos anos 70, com o objetivo de investigar as experiências históricas dessa década. Apesar de toda a tese conter discussões pertinentes, destaca-se as contribuições do sétimo capítulo, o qual trata exclusivamente da poesia de Alex Polari, de modo mais particular sobre o livro *Inventário de cicatrizes*, devido sua publicação ocorrer em 1978. Sobre esta obra, Vieira (2007) subdivide sua análise em três pontos centrais: “a ruptura ética ocorrida no país sob vigência do terrorismo de Estado; o problema da expressão da experiência violenta por meio do testemunho literário; a difícil dialética da memória e do esquecimento em situações derivadas de traumas históricos.” (VIEIRA, 2007, p. 20).

Seguindo uma perspectiva diferente da leitura empreendida pelos pesquisadores mencionados anteriormente, objetiva-se, nesse trabalho, analisar o teor testemunhal e de resistência nos poemas “Amar em aparelhos” e “Escusas poéticas – II”, de *Inventário de cicatrizes* (1978), observando o afeto erótico como linha de força que atua como estratégia de resistência à violência autoritária que afeta o corpo/sujeito. Entende-se que falar de amor, de prazer, enquanto tinha seu corpo encarcerado e torturado, seus desejos reprimidos, sua identidade abalada, foi uma forma de subverter os mecanismos de controle

político e moral, de suportar a dor e, acima de tudo, resistir ao aparelho repressivo, que tenta, através da barbárie, usurpar tudo aquilo que faz parte da esfera do humano, como as emoções, sensações e sentimentos.

O afeto erótico como resistência na poesia de Alex Polari

Ainda que se refira especificamente aos textos narrativos, as considerações de Alfredo Bosi (1996), em seu artigo “Narrativa e resistência”, podem ser estendidas para a literatura de modo geral, tendo em vista que o crítico literário apresenta duas pertinentes possibilidades da resistência se apresentar nas obras, isto é, 1) como tema ou 2) como forma imanente da escrita, mediante as tensões internas do texto. Tais vertentes dialogam, portanto, com a proposta deste artigo, cujas análises se centrarão no afeto como tema de resistência na escrita de Alex Polari.

Entendendo a resistência como “a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito” (BOSI, 1996, p. 11), levanta-se a hipótese de que a escrita afetiva de Polari na condição de clausura, motivada pela repressão da época, endossa o caráter de resistência do texto literário, assim como confirma a indissociabilidade dos valores éticos e estéticos do testemunho. Em “Poesia resistência”, Bosi (1977) destaca estas forças antagônicas:

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, ‘esta coleção de objetos de não amor’ (Drummond). Resiste ao contínuo ‘harmonioso’ pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia. (BOSI, 1977, p. 146).

De tal forma se apresenta a poesia de Polari: ora confrontando o horror com uma escrita afetiva, ora expondo a violência sofrida e o desaparecimento dos companheiros, ora fantasiando um novo tempo. Na relação entre corpo e afeto, busca-se analisar, portanto, a produção de sentidos do afeto erótico ao lado de outros afetos associados à experiência traumática (a melancolia, o medo, a angústia, etc.) na escrita de Alex Polari. Sendo assim, entende-se o afeto erótico de modo relacional com o fazer poético:

A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer, sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal. Ambos são feitos de uma oposição complementar. A linguagem – som que emite sentido, traço material que denota

ideias corpóreas – é capaz de dar nome ao mais fugaz e evanescente: a sensação; por sua vez, o erotismo não é mera sexualidade animal – é cerimônia, representação. O erotismo é sexualidade transfigurada: metáfora. A imaginação é o agente que move o ato erótico e o poético (PAZ, 1994, p. 12).

Seguindo a concepção de Octávio Paz (1994) sobre o erotismo como representação do desejo sexual, nota-se que imagens eróticas são construídas, por exemplo, no poema “Amar em aparelhos”, o qual traz essas forças antagônicas: o amor e o prazer em um campo de batalha, permeado por medo e controle. O título do poema já antecipa ou sintetiza esse antagonismo, tendo em vista que o verbo “amar” é acompanhado pelo adjunto adverbial “em aparelhos”, nome dado às instalações clandestinas usadas pelos militantes de esquerda durante a ditadura.

Na primeira estrofe do poema, evidencia-se o estado decadente do cenário das transas do sujeito lírico, acentuando o contraste de uma cena de amor nessas condições. A referência à tinta do mimeógrafo nos lençóis remete à ferramenta tecnológica da época (anos 1970) como meio alternativo para a divulgação das ideias contrárias ao regime militar, sobretudo utilizada por artistas que viriam a se tornar conhecidos como Geração Mimeógrafo:

Amar em aparelhos

Era uma coisa louca
trepas naquele quarto
com a cama suspensa
por quatro latas
com o fino lençol
todo ele impresso
pelo valor de teu corpo
e a tinta do mimeógrafo
(POLARI, 1978, p. 17).

O teor inimaginável de amar em um espaço de constante vigilância é novamente levantado no primeiro verso da estrofe seguinte. As ações rotineiras e simples de levantar, fazer café e perceber o amor por alguém são quebradas pela conjunção concessiva “apesar de”, o que expressa o sentido de resistência deste afeto em meio às adversidades. É interessante também que estas adversidades são sintetizadas por dois fatores bem diferentes: o incômodo do inseto de pernas longas é colocado ao lado “da consciência de que a mentira tem pernas curtas”, mentira esta que pode ser pensada como a política ditatorial vigente na época.

Era uma loucura
se despedir da coberta
ainda escuro
fazer o café
e a descoberta
de te amar
apesar dos pernilongos
e a consciência
de que a mentira tem pernas curtas
(POLARI, 1978, p. 17).

Nas estrofes seguintes, são expressivas as imagens de dois campos contrastantes: de um lado, o amor, o desejo, o prazer; do outro, o combate, os instrumentos da guerrilha, o medo e o controle:

Não era fácil
fazer o amor
entre tantas metralhadoras
panfletos, bombas
apreensões fatais
e os cinzeiros abarrotados
eternamente com o teu Continental,
preferência nacional.

Era tão irracional
gemitos de prazer
nas vésperas de nossos crimes
contra a segurança nacional
era duro rimar orgasmo
com guerrilha
e esperar um tiro
na próxima esquina.

Era difícil
jurar amor eterno
estando com a cabeça
à prêmio
pois a vida podia terminar
antes do amor
(POLARI, 1978, p. 17).

Os verbos conjugados no tempo passado revelam que os impasses apresentados no poema “Amar em aparelhos” são lembranças do período anterior à prisão de Polari, o que se confirma com as várias referências ao tempo em que atuou como guerrilheiro contra a ditadura. É sabido que, para a segurança dos grupos de guerrilha, haviam muitas regras, inclusive de proibições de relacionamentos afetivos entre os companheiros. Assim, os afetos estavam cerceados pela política ditatorial, já que as proibições determinadas pelos próprios grupos de esquerda se deram pelo contexto de repressão instaurado.

Por outro lado, os versos de Polari também sugerem que a impossibilidade de viver o afeto era oriunda da urgência de pensar na luta, já que qualquer deslizamento poderia custar suas vidas: “era duro rimar orgasmo/ com guerrilha/ e esperar um tiro/ na próxima esquina” (POLARI, 1978, p. 17). A não realização das rimas entre os versos está concatenada com a própria inviabilidade de amar em tempos de ruína, com as tensões que impedem ou dificultam a realização dos afetos. Ainda que o afeto se faça presente em vários poemas de Polari, o escritor o fez de modo que deixa evidente os entraves e limitações, já que o destino de sua vida (como de outros guerrilheiros) era imprevisível diante do constante terror que os ameaçavam: “Era difícil/ jurar amor eterno/ estando com a cabeça/ à prêmio/ pois a vida podia terminar/ antes do amor” (POLARI, 1978, p. 17). Sendo assim, “Amar em aparelhos” não se trata apenas de um poema de amor, mas de um poema que recupera imagens de afetos que resistiam ao controle e ao autoritarismo.

Em um poema metalinguístico, “Escusas poéticas – II”, Polari defende suas escolhas em falar sobre temas eróticos em seus poemas em resposta a supostas críticas de outros companheiros:

Alguns companheiros reclamam
que entre tantas imagens bonitas
eu diga em meus poemas que gosto de chupar bucetas
e não vejo como isso atrapalhe a marcha para o socialismo
que é também o meu rumo. Mais ainda,
eu gostaria que nessa nova sociedade por qual luto
todos passassem a chupar bucetas a contento
todos redescobrissem seus corpos massacrados
todos descobrissem que o medo e a aversão ao prazer
a que foram submetidos foi e será sempre
apenas a estratégia dos tiranos
(POLARI, 1978, p 47).

Nesta primeira estrofe, fica evidente que o movimento do escritor de falar do corpo não apenas como objeto de dominação dos militares, mas também como fonte de prazer, é em si uma estratégia de subversão ao controle. Dois campos semânticos entram em conflito: o prazer x a repressão. A repetição do pronome indefinido “todos” acompanhados de verbos no subjuntivo produz um efeito de grandiloquência, ao passo em que o sujeito lírico revela seus desejos.

As críticas às imagens construídas nos poemas de Polari (“Alguns companheiros reclamam/ que entre tantas imagens bonitas/ eu diga em meus poemas que gosto de chupar bucetas”) fazem relação com os pressupostos estéticos idealistas, discutidos por Jaime Ginzburg (2013) em *Literatura, violência e melancolia*:

Na perspectiva de Schelling (1959), responsável por uma das formulações mais exatas do modelo idealista da fruição da arte, o contato com a obra deve tornar-nos seres humanos melhores do que somos. Por essa razão, é esperado, em termos convencionais, que as obras sustentem valores positivos, favoráveis ao que consideramos bom, belo e verdadeiro. A perspectiva idealista estabelece que o papel da arte é construtivo (GINZBURG, 2013, p. 27).

Entretanto, diante de um contexto marcado pela violência e autoritarismo, não cabe pensar a arte em sua função afirmativa. A contemporaneidade é marcada pelo componente da negatividade, como bem destacou Ginzburg (2013, p. 28). Logo, a escrita de Polari, longe da estética do belo, imprime, de forma nua e crua, as tensões do seu tempo, os impasses vividos no cárcere, sem censurar o seu próprio discurso.

Nas estrofes seguintes, o sujeito lírico continua respondendo a outras críticas ao seu fazer poético, considerando que parece haver uma cobrança, por parte de seus companheiros, de um compromisso exclusivo de sua poesia com a causa:

Outros companheiros reclamam
quanto ao uso da 1ª pessoa
em meus poemas, a falta de desfechos
corretos do ponto de vista político
e os resquícios da classe que pertença.

A isso tudo procuro responder
que a poesia reflete uma vivência particular,
se universaliza apenas nessa medida
e que não adianta você inventar um caminho
para um povo que você não conhece nem soube achar.

Eu bem que gostaria de ter essa solução, é minha senda,
eu estou sinceramente do lado dos oprimidos
só que de uma maneira abstrata
o que errei, errei por eles,
num processo não despido de angústia
e minha poesia teria que se ressentir disso
(POLARI, 1978, p. 47).

Apesar de escrever em versos, a resposta de Polari é carregada de argumentos, característica de gêneros textuais não literários. A reflexão do escritor sobre o caráter particular e universal da poesia guarda relação com o célebre texto “Palestra sobre lírica e sociedade”, de Theodor Adorno (2003):

A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela. [...] Pois o teor [*Gehalt*] de um poema não é mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, estas só se tornam artísticas quando, justamente em virtude da especificação que adquirem ao ganhar forma estética, conquistam sua participação no universal. Não que aquilo que o poema lírico exprime tenha de ser imediatamente aquilo que todos vivenciam. Sua universalidade não é uma *volunté de tous*, não é a da mera comunicação daquilo que os outros simplesmente não são capazes de comunicar. Ao contrário, o mergulho no individuado eleva o poema lírico ao universal por tornar manifesto algo de não distorcido, de não captado, de ainda não subsumido [...]. (ADORNO, 2003, p. 66).

Ainda que Polari defenda o tratamento de questões individuais em sua poesia (“a poesia reflete uma vivência particular/ se universaliza apenas nessa medida”), há também um entendimento de que esta pode se tornar universal, mesmo porque muitas das experiências do sujeito lírico foram compartilhadas/vividas em maior ou menor grau por outros sujeitos. Seguindo a concepção adorniana de lírica, a qual rompe com a ideia totalizante de que a lírica estaria relacionada apenas às questões individuais, entende-se que as próprias angústias ressentidas na poesia de Polari, reveladas pela própria voz poética, não estão dissociadas do social. As contradições na escrita de Polari são coerentes com o contexto conturbado de produção (o cárcere, as torturas, os desaparecimentos), o qual põe em xeque os valores do guerrilheiro:

Quanto as [sic] outras críticas,
o que posso dizer é que a falta de lógica de meus sentimentos
não acompanha a lógica dos manuais de dialética
e que minhas intenções e objetivos
nem sempre correspondem à minha vida real.

O que muitos não entendem
é que eu quero muito falar do meu povo
da sabedoria dele,
das coisas simples
que lhe são mais imediatas
mas que esse canto hoje soaria falso
e que só posso falar disso
quando não precisar inventar nada,
quando minha práxis for essa
o caminho escolhido o certo,
quando não precisar de metáforas.

O dia da redenção tanto pode ser uma aurora quanto um poente,
isso pouco importa
desde que se cante e anuncie
de todas as formas possíveis
(POLARI, 1978, p. 47-48).

Nas últimas estrofes, atesta-se a impossibilidade de escrever uma poesia afirmativa, tendo em vista que não há valores positivos nacionais para serem exaltados (“mas que esse canto hoje soaria falso/ e que só posso falar disso/ quando não precisar inventar nada,/ quando minha práxis for essa/ o caminho escolhido o certo,/ quando não precisar de metáforas”. A linguagem direta de Polari, a não utilização de metáforas, talvez seja uma escolha para não correr o risco de “tornar bela” uma poesia calcada na negatividade. A imagem da aurora, presente em muitos poemas de outros escritores, não é elemento figurativo importante da tão sonhada liberdade e do fim da ditadura, mesmo porque o saldo negativo foi grande demais para ser resumido em um símbolo belo.

Considerações finais

A temática do erotismo, bem como de outros afetos, é recorrente na escrita de Polari, tanto em *Inventário de cicatrizes* (1978) quanto em *Camarim de prisioneiro* (1980). Contudo, apesar de serem temáticas aparentemente estranhas na literatura testemunhal, estas se apresentam como estratégias para subverter os valores vigentes, o controle e a moral, assim como um meio de suportar a dor infligida pelo aparelho repressivo. Isto é, ao passo em que o corpo se encontra enclausurado e torturado, resiste-se pensando no corpo como fonte de prazer.

O poema “Amar em aparelhos” é exemplo do conjunto de poemas de Alex Polari que constroem imagens afetivas e eróticas ao lado de imagens grotescas da barbárie praticada nos porões da ditadura. Assim, constata-se que as incongruências textuais internas estão em diálogo com as tensões externas do momento de produção. “Escusas poéticas – II”, por sua vez, confirma que o erotismo, na poesia de Polari, é uma estratégia de resistir à redução de seus corpos à violência sofrida.

Em suma, é possível dizer que o erotismo (ou afetos de modo geral) pode se configurar em um dos elementos de resistência presentes na escrita do ex-guerrilheiro, Alex Polari. Longe de romantizar sua experiência no cárcere, os poemas aqui analisados mostram, sob um prisma diferente, como o corpo é elemento central na literatura de testemunho, seja o corpo torturado ou o corpo de afeto que resiste.

Referências

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003, p. 65-89.

BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 139-192.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. In: *Itinerários – Revista de Literatura*. Araraquara-SP: N. 10, 1996, p. 11 -27. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2577/2207>. Acesso em: 27 maio. 2022.

GINZBURG, Jaime. *Literatura, violência e melancolia*. Campinas: Autores associados, 2013.

JUTGLA, Cristiano Augusto da Silva. *Poesia de resistência à ditadura civil-militar (1964-1985)*. Santa Maria-RS: PPGL UFSM, 2015. Disponível em: http://coral.ufsm.br/mletras/images/Cogitare_volume_14.pdf. Acesso em: 21 maio. 2022.

KEIL, Ivete. Nas rodas do tempo. In: KEIL, Ivete; TIBURI, Marcia (Orgs.). *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos Editora, 2004, p. 41-60.

MORAÑA, Mabel. Documentalismo y ficción: testimonio y narrativa testimonial hispanoamericana en el siglo XX. In: PIZARRO, Ana. (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1995, p. 480-515.

PAZ, Octavio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

POLARI, Alex. *Inventário de cicatrizes*. 3. ed. São Paulo: Teatro Ruth Escobar; Rio de Janeiro: Comitê Brasileiro pela Anistia, 1978.

RIBEIRO, Thales de Medeiros. *Literatura cinza: uma (sub)versão do luto em Inventário de cicatrizes*. 2020b. 157 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. Poesia de testemunho (com doses de humor). *Poesia brasileira: violência e testemunho, humor e resistência*. Vitória: EDUFES, 2017b.

SALGUEIRO, Wilberth Claython Ferreira. Poesia de testemunho (com doses de humor): Alex Polari, Glauco Mattoso, Leila Mícolis e Jocenir. *Revista Signótica*. 2013, v. 25, n. 1, p. 35-50. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/23345>. Acesso em: 28 maio. 2022.

VIEIRA, Beatriz de Moraes. *A palavra perplexa: experiência histórica e poesia no Brasil nos anos 70*. 2007. 379 f. Tese (Doutorado em História Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.